



**MORTE E VIDA NA ARENA ROMANA: A
CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA SOCIAL
CONTEMPORÂNEA***

Renata Senna Garraffoni**
Universidade Federal do Paraná – UFPR
resenna93@hotmail.com

Pedro Paulo A. Funari***
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
ppfunari@uol.com.br

RESUMO: Nos últimos anos, no contexto das discussões sobre o caráter heterogêneo e multifacetado das sociedades, o estudo do mundo antigo tem passado por reflexões críticas aos modelos normativos, que tendiam à homogeneidade e à ênfase no consenso social. O estudo dos espetáculos de vida e morte nas arenas romanas mostrou-se campo de reflexão privilegiado para a crítica aos modelos normativos. A partir de estudo de documentação arqueológica original, mostramos como morte e vida assumem contornos pouco usuais, vistos à luz das reflexões epistemológicas recentes.

ABSTRACT: In the last few years, in the context of discussing the heterogeneous and varied character of social life, the study of the ancient world has been submitted to a critical assessment of normative interpretive models. These models were keen to emphasize homogeneity and social cohesion. The study of Roman shows in the arena is a particularly good subject to criticize normative models. Studying original archaeological evidence, we show how life and death can be interpreted through the lenses of updated epistemological standpoints.

PALAVRAS-CHAVE: Gladiadores – Império Romano – Morte e Vida

KEYWORDS: Gladiators – Roman Empire – Life and Death

* Este artigo, com algumas alterações, foi originalmente apresentado no **III Seminário Internacional Archai – Morte e vida às origens do Pensamento Antigo**, realizado de 7 a 9 de dezembro de 2005, na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

Agradecemos aos organizadores do Seminário Internacional Archai, em particular ao Prof. Dr. Gabriele Cornelli, assim como a Monique Clavel-Lévêque e a Richard Hingley. Agradecemos, ainda, o apoio institucional do CNPq, FAPESP, NEE/UNICAMP, CPA/IFCH/UNICAMP, UFPR, Universidad de Barcelona. A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

** Pesquisadora-Associada do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP).

*** Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP), Pesquisador-Associado da Illinois State University e Universidad de Barcelona.

Introdução

Nas últimas décadas, a História tem passado por uma profunda revisão epistemológica. A partir dos questionamentos dos anos de 1960, diversos intelectuais, entre eles Michel Foucault, propuseram outras maneiras de se pensar e escrever a História. Buscando métodos e fontes que pudessem manifestar a pluralidade das relações sociais, estes estudiosos combateram a narrativa dos acontecimentos e buscaram meios de se interpretar o cotidiano de diferentes camadas da população.

O estudo da Antigüidade Clássica não ficou alheio a estes acontecimentos. Embora predomine entre os estudos clássicos uma perspectiva mais tradicional, ao longo dos últimos anos, arqueólogos e historiadores, a partir de uma postura interdisciplinar, têm procurado por caminhos alternativos para interpretar o passado romano. Inspirados pela busca de perspectivas mais dinâmicas que sensibilizassem os homens que os elementos do presente do pesquisador são fundamentais no processo de escrita do passado, estes estudiosos têm propiciado um repensar do mundo antigo e enfatizado a urgência de se rever os conceitos e modelos interpretativos para que seja possível perceber a experiência de outros sujeitos históricos, além dos membros da elite romana que esteve em cena por todos estes anos.

Neste sentido, a presente reflexão se insere em um contexto crítico da idéia de neutralidade e da universalidade do conhecimento histórico. Dito de outra maneira procuramos, nas páginas seguintes, caminhos alternativos para entender uma prática comum aos romanos e que nos causa um profundo estranhamento: as lutas de gladiadores. Para tanto, organizamos nossas reflexões em dois eixos principais. Em um primeiro momento procuraremos apresentar uma discussão epistemológica sobre como concebemos o conhecimento histórico para, em seguida, tratar do tema específico as lutas de gladiadores e as concepções de vida e morte entre os romanos. Esta estratégia possibilita uma reflexão teórico-metodológica evidenciando nossa preocupação em construir modelos interpretativos mais fluidos que enfatizem as diferenças e as discontinuidades. Iniciemos, então, com uma reflexão sobre a escrita da História.

A historiografia como parte da História

O estudo da História, com esse nome, começou com os gregos, quando Heródoto de Halicarnasso dedicou-se a escrever suas pesquisas (em grego, *historia*)

sobre o conflito entre gregos e persas e suas origens mais remotas. Heródoto ligava o presente ao passado de forma muito direta, em uma busca das causas dos embates entre os povos mediterrâneos. A escrita da História, ou historiografia, constituiu-se como um gênero literário, uma maneira elaborada de se tratar de eventos recentes e menos recentes. Os historiadores antigos, mesmo quando afirmavam que desejam ser imparciais, escrever *sine ira et studio* (sem raiva e sem amor), na famosa frase do historiador romano Tácito, não deixavam de ressaltar que não era possível descrever, de forma neutra, sem seus interesses subjetivos, o passado. Para esses historiadores, não havia passado que não fosse ligado ao presente, prenhe de significado e lições, a História *magistra uitae* (mestre da vida).

Toda essa tradição literária e subjetiva viria a ser questionada modernamente, quando do surgimento da ciência positivista, no início do século XIX, com o início da ciência histórica. Desde o século XVIII, o racionalismo e o iluminismo começavam a revolucionar o cenário das universidades. Surgidas em plena Idade Média, serviam a uma formação de cunho religioso cristão, católico ou protestante, universalista. A História, gênero literário, era encarada sob o prisma de uma leitura literal do texto bíblico, com a criação do mundo, Adão e Eva, o Dilúvio universal e a intervenção direta de Deus na História. A revolução humanista em curso na passagem do século XVIII para o XIX contrapunha-se a essa presença divina e procurava explicar a História pela ação humana apenas. Em 1823, Leopold von Ranke definiu os termos dessa disciplina nascente, a História, como aquele que busca os fatos verdadeiros, tais como eles efetivamente aconteceram *wie es eigentlich gewesen*, na expressão que se tornou clássica. A ênfase da famosa assertiva estava tanto no verbo “ser” (“aquilo que foi”), como no advérbio *eigentlich* (“propriamente”), derivado da quintessência da modernidade, o “próprio” (*eigen*), do qual deriva a noção mesma de “propriedade” (*Eigentum*). O individual, próprio, como critério de existência, objetiva, do passado adquiria importância decisiva.

Neste momento, o presente foi separado, radicalmente, do passado. O historiador, neutro e distante, deveria restabelecer os fatos, as verdades, aquilo que qualquer observador isento podia constatar como acontecimento. Essa segurança ficou conhecida como ‘objetividade positivista’. Essa certeza na objetividade dos fatos históricos relegaria o presente a uma mera contingência, um detalhe irrelevante ou mesmo nocivo. Aquele que se debruça sobre o passado deveria despir-se de sua época,

imparcial observador. Essas posturas, ainda que nuançadas e modernizadas, continuam a fazer-se sentir entre os historiadores.

Tudo que dizemos ou escrevemos sobre o passado é um discurso, uma interpretação, no presente, mesmo quando pretendemos que nada fazemos, senão recriarmos o que aconteceu.¹ Ao positivismo, seguiu-se uma reação subjetivista, que colocava no centro de qualquer visão sobre o passado o autor dessa visão, que vê de determinada posição social, econômica, histórica, de gênero (homem, mulher). Seria possível despir-se dessas subjetividades e descrever uma ‘verdadeira História’? Seria possível sair do presente e ir direto ao passado? Parecem perguntas retóricas, mas estão profundamente relacionadas com a maneira como encaramos a vida e a morte. A vida e a morte não são somente fenômenos naturais, biológicos, mas revestem-se de construções inseridas na História e na diversidade e heterogeneidade dos grupos sociais, a cada momento em constante mutação. A História é uma construção, um discurso, com autoria e há, assim, muitas histórias sobre a vida e a morte.

Subjetividades e identidades sociais: a variedade de vidas e mortes

Aristóteles, o filósofo grego do século IV a.C., considerava que o ser humano é definido por viver em coletividade (“o homem é um animal político”, entendido político como pertencente a uma cidade, *polis*). O mesmo Aristóteles utilizava-se do conceito de comunidade (*koinonia*, em grego), para dizer que as pessoas partilhavam coisas comuns (origens, língua, costumes, crenças) e, por isso, formavam uma comunidade. Essas pessoas que compartilhavam um *ethos* (caráter, índole, costume) formulariam suas próprias leis para que essa comunidade pudesse funcionar em ordem. A norma (*nomos*) leva à ordem social (*taxis*) e, como toda regra tem exceção, o desrespeito à norma ou sua ausência (*anomia*) leva à desordem (*ataxia*). Aristóteles tratava da vida e da morte, em associação com a sujeição social, ao afirmar que “[...] o escravo é uma ferramenta viva, e a ferramenta é um escravo sem vida. Não pode haver portanto amizade em relação a um escravo enquanto escravo”. (ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, 1161^a)

Os conceitos de compartilhamento de valores viriam a ser importante também em modelos interpretativos de nossa época e não cabe dúvida que sua influência

¹ Sobre esta questão e sua repercussão no mundo antigo, confira, por exemplo, FUNARI, P. P. A. **A Antigüidade Clássica, a História e a Cultura a partir dos documentos**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003; GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. **História Antiga na sala de aula**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2004.

continuaría mesmo em autores muito recentes.² A vida associada à *táxis*, à rigidez da estrutura social, enquanto a morte foi associada, muitas vezes, tanto à submissão como ao desfecho de uma vida desonrosa. Vida e morte, pois, associadas à ordem social.

O estudo da sociedade, seu funcionamento e transformações desenvolveram-se a partir de fins do século XIX, quando dos inícios das disciplinas Sociologia e Antropologia. A primeira estava preocupada em explicar nossa própria sociedade, aquela em que vivemos, enquanto a segunda voltou-se, de início, para o estudo das sociedades dos outros, chamados de primitivos. Outros termos usados para diferenciar nossas sociedades das outras foi definir as nossas com adjetivos enobrecedores, tais como ‘sociedades complexas’, ‘civilizadas’, ‘ocidentais’, por oposição a ‘sociedades simples’, ‘selvagens’, ‘orientais’. Em ambos os casos, uma primeira preocupação foi entender e explicar como as sociedades funcionam e se reproduzem. Por isso, já se diferenciavam muito da História, surgida para explicar a mudança e o caráter irrepetível do fato histórico. Enquanto a História ocupava-se do ocasional, o estudo da sociedade esforçava-se para formular teorias para explicar a manutenção de valores, costumes, tradições. A Antropologia e a teoria social, em geral, contribuíram, de forma decisiva, para o redimensionamento das questões históricas.³

As discussões da teoria social das últimas décadas foram importantes para criticar os modelos normativos, ainda muito difundidos, em contribuição significativa para os estudos também das sociedades do passado. Estudos empíricos e reflexões teóricas apontaram para o caráter heterogêneo da vida social, da fluidez das relações, e das contradições e conflitos sociais. No lugar de normas e desvios às normas, surge uma pletera de comportamentos e visões de mundo. Outro aspecto importante, proveniente das reflexões filosóficas e antropológicas, consiste no papel central dos conflitos na vida social. À tendência de se enfatizar a reprodução social, contrapôs-se a atenção aos conflitos. Na tradição marxista, já se havia ressaltado que as contradições de classe eram o motor da História, na famosa assertiva do Manifesto Comunista de 1848. Contudo, a tradição sociológica do século XX, tributária de Max Weber ou de Émile Durkheim, havia relevado o conflito à categoria de anomalia, doença social, desvio da

² Sobre esta questão: Cf. FUNARI, P. P. A. A Antiguidade, o *Manifesto* e a historiografia crítica sobre o mundo antigo. In: COGGIOLA, O. (Org.). **Manifesto Comunista, Ontem e Hoje**. São Paulo: Xamã, 1999.

³ Cf. FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A.; STOVEL, E. (Eds.). **Global Archaeological Theory, Contextual voices and contemporary thoughts**. New York: Springer, 2005.

reta via. As últimas décadas do século XX, entretanto, testemunharam uma série de lutas sociais, intensas, como a luta pelos direitos civis, contra a discriminação racial, contra a guerra, pela diversidade sexual, pela emancipação feminina, mas também movimentos em sentido contrário, como o fundamentalismo religioso e o nacionalismo xenofobista. Sociedades dilaceradas pelo conflito armado ou civil multiplicaram-se e muitos estudiosos não hesitaram em retomar e melhor explorar o caráter intrinsecamente conflitivo das relações sociais. O mundo romano, em particular, tem sido estudado a partir de uma crítica aos modelos normativos, com estudos sobre os mais variados temas, da transgressão⁴ às identidades sociais.⁵

A diversidade de fontes para o estudo da vida e da morte

Desde o início do estudo científico da História, no século XIX, os documentos são definidos como os escritos de uma época, aquilo que autores contemporâneos escreveram sobre determinado tema. O estudo do mundo antigo centrou, por muito tempo, na tradição literária, produto de uma elite letrada, às vezes muito distante, tanto física como subjetivamente, dos homens e mulheres descritos, cujas sociabilidades podiam ser muito diversas daquelas do escritor. Os vestígios materiais, ao contrário, podem apresentar uma diversidade muito mais ampla, dados sobre o cotidiano e a vida daqueles que nunca escreveram ou deixaram qualquer relato por escrito.⁶

A Arqueologia, à diferença das fontes escritas, não nos diz tanto, nem tão diretamente, a respeito de eventos singulares e únicos, como, por exemplo, sobre a morte de um gladiador, descrita em um documento com detalhes, ainda que fantasiosos. Contudo, a Arqueologia permite-nos estudar as permanências, as séries, aquilo que se repete, como as inscrições e pinturas parietais que se referem às lutas de gladiadores. A Arqueologia é muito importante, também, para podermos, não tanto confirmar as fontes escritas, como para, em primeiríssimo lugar, contrastar, contrapor e completar as informações fornecidas pela tradição textual. Como categorias independentes, fontes

⁴ Cf. GARRAFFONI, R. S. **Bandidos e Salteadores na Roma Antiga**. São Paulo: Annablume, 2003.

⁵ Cf. DENCH, E. **Romulus' asylum. Roman identities from the age of Alexander**. London: Routledge, 2005; HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture**. London: Routledge, 2005; com referências abundantes e atualizadas em ambas as obras.

⁶ FUNARI, P. P. A.; ORSER, C. E.; SCHIAVETTO, S. N. O. **Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

materiais e escritas podem permitir uma discussão mais aprofundada e contextualizada de um tema ou questão.

Neste sentido, a interdisciplinaridade torna-se uma estratégia profícua para buscar interpretações menos normativas do passado romano, assim como possibilita olhares multifacetados das concepções destes homens e mulheres sobre a vida e a morte. Refletir sobre estes temas em uma sociedade plural como a romana significa estar atento às diferentes relações que se estabelecem nos diversos contextos sociais. Assim, acreditamos que tecer alguns comentários sobre as lutas de gladiadores seria um caminho instigante para repensarmos este fenômeno particular do mundo romano e perceber como as relações de vida e morte são construídas e reconstruídas em cada arena espalhada pelos mais longínquos territórios.

Morte e vida nas arenas romanas no início do Principado

O estudo dos espetáculos romanos tem sido intensificado nos últimos anos e, neste contexto, as interpretações sobre as lutas de gladiadores têm sido revistas, em especial no que tange a questão da violência implícita a este tipo de competição.⁷ Talvez a grande quantidade de interpretações e de estudos sobre o tema esteja vinculada com a variedade de fontes que chegaram até nós sobre este aspecto da vida dos romanos. Se pensarmos do ponto de vista das fontes escritas, muitos autores clássicos referem-se a diferentes tipos de combates de gladiadores, seja como sátira, como registro histórico ou como parte de pensamento filosófico, Sêneca, Petrônio, Juvenal, Suetônio, entre tantos outros escritores romanos, nos deixam suas percepções sobre o mundo dos teatros e anfiteatros.

Os gladiadores também ficaram imortalizados em fontes materiais: grafites narrando suas vitórias e fracassos, seus desejos e conquistas amorosas, assim como suas lápides funerárias, nos ajudam a repensar fragmentos de suas vidas. Ainda no campo das fontes materiais, as pinturas de parede tão apreciadas em Pompéia, também constituem ricas fontes para pensarmos os espetáculos públicos. Além disso, os próprios anfiteatros e teatros de pedra remanescentes podem nos fornecer uma noção espacial do âmbito em que tais espetáculos se transformaram, um dia, em explosões de cores e vida.

⁷ Cf. GARRAFFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga, combates e paixões cotidianas**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

Imaginar estas cenas fere nossa sensibilidade moderna: pensar que milhares de homens e mulheres se reuniram em diferentes arenas para assistir a espetáculos que envolviam vida e morte é, para nós, no mínimo embaraçoso. É por este motivo que estudiosos tem repensado os combates de gladiadores e procurado, nas últimas décadas, compreendê-los dentro do contexto sócio-cultural romano, pois de nada adiantaria simplesmente taxá-los de bárbaro ou sangrento. Neste sentido, perceber o aspecto religioso no qual os combates estavam envolvidos, por exemplo, torna-se uma estratégia importante para construir uma interpretação mais dinâmica do significado destes espetáculos.

Clavel-Lèvêque, em seu livro *O império em jogo* afirma que os combates eram, antes de tudo, um jogo e, por isso, se inserem em uma forma particular de relações dos homens com seu mundo, expressando uma função simbólica, em especial quando ligados a um culto.⁸ A alegria que se manifesta no jogo, segundo esta mesma autora, é parte constitutiva da relação dos homens com seus deuses. No caso dos romanos, os jogos fazem parte de sua religião e os combates de gladiadores seria seu grande símbolo.

Se pensarmos a partir desta ótica, os combates deixam de ser crueldade desmedida, como muitos classicistas já afirmaram,⁹ e adquirem outros significados dentro da cultura romana e de suas concepções de vida e morte. Mais do que afirmar que este controverso aspecto da vida cotidiana romana residia em simples gosto pelo sangue ou práticas sádicas, esta perspectiva possibilita a compreensão combates de gladiadores no início do Principado a partir de um outro ângulo. Neste sentido, é possível interpretar tais combates como um tipo particular de espetáculo público e, conseqüentemente, como um meio de comunicação entre aqueles que assistiam e os que atuavam no centro das arenas.

Esta proposta, inspirada no trabalho de Clavel-Lèvêque, implica em um constante diálogo com a Antropologia e nos introduz a uma série de reflexões sobre a vida e morte na arena que não pode passar despercebida. Ao considerarmos os combates um tipo particular de comunicação entre os indivíduos, abrimos um espaço para

⁸ Cf. CLAVEL-LÈVÊQUE, M. *L'Empire en jeux* – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1984.

⁹ Sobre esta questão, conferir, por exemplo: AUGUET, R. *Crueldad y civilización*: los juegos romanos: Barcelona: Ediciones Orbis, 1985; GRANT, M. *El Mundo Romano*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1960; _____. *Gladiators*. London: The Trinity Press, 1967.

explorar seus sentimentos particulares e sua participação na construção de visões de mundo. Neste processo, a diversidade de elementos está presente e atua de maneiras diferentes nos distintos níveis sociais, expressando a complexidade do fenômeno que inclui ciclos da vida individual, familiar, das práticas sociais e da relação com a morte.¹⁰

Além disso, teatros, anfiteatros e circos eram estruturas fundamentais na ordenação do espaço urbano, assim como os calendários dos espetáculos no cotidiano das cidades. No que concerne aos combates de gladiadores em específico, Clavel-Lèvêque afirma que o anfiteatro era um local de contradições sociais no qual se expressavam práticas simbólicas, religiosas, míticas, cerimoniais e relações com a Natureza em sua multiplicidade. Neste sentido, sua postura critica a concepção universalizante dos combates e os situam no campo das diferenças: diferenças de camadas sociais, de regiões, de origens e, portanto, de visões de mundo. Os combates, em sua opinião, sempre foram acompanhados de contradições tanto em sua forma como em seu conteúdo, expressando uma visão de mundo complexa e heterogênea.

Os argumentos de Clavel-Lèvêque são importantes na medida em que rompem visões binárias dos combates e as multiplica, fazendo com que pensemos os combates em um contexto mais amplo, isto é, nos campos sociais, políticos, simbólicos e culturais que ultrapassam os limites dos anfiteatros. Para organizar um combate há uma legislação que deve ser observada, é necessária doação de recursos financeiros por particulares, há, por fim, uma mobilização das elites locais e camadas populares: há propaganda, anúncios, pompas, preservação da memória com a lembrança da morte de cidadãos romanos ilustres, homenagens aos deuses e, meio a isto tudo, relações humanas, ou seja, amigos e magistrados se encontram e torcedores exaltam seus gladiadores preferidos.

É esta multiplicidade que acreditamos ser fundamental destacar. Adotando uma concepção dinâmica da malha social e cultural romana, é possível interpretar o cotidiano dos gladiadores e as suas relações com o público que enchia as arquibancadas de uma maneira menos estática e homogênea. Assim, mesmo que o universo dos espetáculos seja maior e os combates sejam apenas um entre diversos outros tipos presentes no cotidiano romano, a opção por esta perspectiva de análise é, também,

¹⁰ Cf. CLAVEL-LÈVÊQUE, M. *L'Empire en jeux* – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain. Paris: Editions du Centre Nacional de la Recherche Scientifique, 1984, p. 87.

inspirada na proposta de Horsfall,¹¹ pois acreditamos que mais que reforçar a idéia de uma massa com gostos sádicos e duvidosos, é necessário criar alternativas para compreender o contexto sócio-cultural em que os combates se desenvolveram.

O fato de os romanos gostarem de banquetes e jogos nas arenas, por mais que choque nossa sensibilidade moderna, não pode levar-nos a menosprezar ou julgar o cotidiano destas pessoas. Pelo contrário, deveria estimular-nos a buscar meios interpretativos alternativos para compreendermos tais fenômenos e, ao mesmo tempo, ressaltar as diferentes formas de identidades e ações destes sujeitos pelos ambientes plurais que compunham a sociedade romana no início do Principado.

Considerações finais

Os estudos sobre os combates de gladiadores constituem uma tradição que remonta o século XIX. Há uma diversidade de análises sobre como se organizavam os espetáculos e suas funções. Se no século XIX e início do XX as arenas foram interpretadas como parte de uma política para alimentar e divertir a população ociosa, nos anos de 1970 Veyne reinterpreta esta postura afirmando que estes espaços eram os locais em que povo e Imperador se confrontavam. Mesmo que Veyne tenha proposto uma interpretação em que as camadas populares tinham uma voz mais ativa, o foco de análise seguia sendo o político. É somente nos anos de 1980 que os estudiosos passam a buscar outro tipo de interpretação voltado mais para o aspecto cultural dos espetáculos. É neste contexto que os estudos de Clavel-Lèvéque sobre a particularidade dos espetáculos, da possibilidade de pensá-los como algo intrínseco a uma cultura militar e escravista, abriram a possibilidade de interpretar as arenas de maneira menos unilateral.

Esta postura, atrelada a uma interpretação em constante diálogo com a Arqueologia, tem proporcionado resultados instigantes, pois para além de trazer à tona as vozes dispersas dos gladiadores e do público que assistia ou descrever realidades objetivas. Este tipo de abordagem permite leituras menos monolítica e estática das percepções de vida e morte entre os romanos.

¹¹ Cf. HORSFALL, N. **La Cultura della plebs romana**. Barcelona: PPU, 1996.